

## **RÚSSIA E ÍNDIA: A HISTÓRIA DE UMA PARCERIA DIFÍCIL (1947-2012)**

**Bruno Mariotto Jubran**

---

Mestre em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
E-mail: mariotto.bruno@gmail.com

Recebido em: 29 jul. 2013  
Aceito em: 26 ago. 2013

## RESUMO

Dois dos principais centros de poder no mundo contemporâneo, Rússia e Índia apresentam um rico histórico de relacionamento, que se constitui no objeto de estudos do presente trabalho. Durante a maior parte da Guerra Fria, desenvolveram comércio bilateral significativo e diversificado, e uma importante relação técnico-militar. Esse rico relacionamento, entretanto, prescindiu de uma aliança política formal entre os países. Após o colapso da URSS, os ambos são capitalistas e formalmente democracias, mas o comércio diminuiu, bem como a cooperação técnico-científica, apesar dos recentes esforços de ambas os governos. A parceria militar continua relevante e frutífera, apesar da concorrência cada vez maior com outros países.

**Palavras-chave:** Rússia, União Soviética, Índia, parcerias estratégicas.

## ABSTRACT

Russia and India, two of powers in contemporary world, share a rich history of relations, which consists the object of inquiry in the present work. During most of Cold War, they developed a significant and diversified bilateral trade, and a relevant technical-military relation. This rich interaction, however, dispensed a formal political alliance between both countries. After the collapse of USSR, both countries are capitalist and formally democracies, but the trade flows declined, as well the technical-scientific cooperation, notwithstanding the recent efforts of both governments. The military partnership remains strong and prolific, in spite of the growing competition with other countries.

**Keywords:** Russia, Soviet Union, India, strategic partnerships.

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo das relações entre dois países de grande porte pode levantar uma série de questionamentos relevantes para as relações internacionais. As relações entre a Índia com a Rússia (e antes, a União Soviética) tiveram grande significado durante a Guerra Fria e também na atualidade. Ainda que tenha havido uma retração dos contatos nas últimas duas décadas, as relações bilaterais ainda são bastante complexas e diversificadas. Atualmente, os dois países, assim como o Brasil, China e África do Sul fazem parte do agrupamento BRICS<sup>1</sup>, compartilham participação na Organização para a Cooperação de Xangai (mas com a ressalva de que a Índia é representada na condição de observadora), o Grupo dos 20<sup>2</sup>.

Dentre alguns dos questionamentos, podemos iniciar com a seguinte: quais os fatores por trás da aproximação política entre dois países que tiveram escassos contatos durante maior parte de sua história (até meados do século XX, para ser mais preciso)? As relações, como um todo, têm-se caracterizado por serem assimétricas, verticalizadas ou simétricas, horizontais?

Quando se fala em relações verticais ou assimétricas, o país mais forte determina a agenda, o escopo e, geralmente, é o financiador dos projetos, e a cooperação tecnológica, se existir, geralmente é “em uma via” (o mais poderoso, quando permite, transfere tecnologia mediante pagamento). A contrariori, uma relação horizontal ou simétrica caracteriza-se pela conjunção de esforços, com participação de empresas e/ou agentes públicos dos dois países, e a questão a posição de financiador / usuário é mais difusa, podendo haver situações em que entidades de ambos os países financiem os projetos e a cooperação tecnológica prevê o desenvolvimento de conjunto de tecnologias.

A grande relevância das relações russo-indianas pode ser notada pela quantidade de estudos publicados, tanto na Rússia, como na Índia, como em outros países. Há uma grande riqueza de fatos interessantes, de informações, o que torna viável (e até mais produtivo) desdobrar a análise em temas específicos, como a cooperação científica, militar ou econômica.

O presente artigo tem como objetivo apresentar essas relações de forma mais genérica, concentrando-se nos aspectos políticos, e nos limitaremos apenas a citar os aspectos mais relevantes da cooperação no âmbito da economia e de ciência e tecnologia. A análise será sobretudo histórica, com início a partir da independência da Índia até os dias atuais. Assim, o estudo abarca as relações indo-soviéticas (de 1947 a 1991) e indo-russas (de 1991 até a época da publicação deste trabalho).

A maior parte das fontes coletadas são secundárias, sobretudo os escritos de autores russos, indianos e, em menor escala, de outras nacionalidades. Fez-se, também, uso de fontes primárias, sobretudo do lado russo, incluindo-se publicações oficiais sobre política externa e, também, tratados bilaterais.

## 2 AS RELAÇÕES INDO-SOVIÉTICAS: DAS DESCONFIANÇAS AO ESTREITAMENTO (1947-1971)

As relações russo-indianas iniciam-se oficialmente em 1947, com a troca de notas diplomáticas e com a criação das embaixadas soviética e indiana em Nova Délhi e em Moscou, respectivamente. É interessante notar que a União Soviética, já empenhada na luta anticolonial na África e na Ásia, também apoiava a luta pela independência da Índia.

<sup>1</sup> Acrônimo referente aos seguintes países: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Desde 2008, representantes desses países vêm realizando encontros anuais; a África do Sul participa desde 2010.

<sup>2</sup> Fórum não-institucional que congrega os governos de 19 importantes economias industrializadas *mais* a União Europeia.

Na Assembleia da ONU de 1946, o líder da diplomacia soviética, Vyacheslav M. Molotov, declarou o apoio de seu país ao processo de independência liderado por Javāharlāl Nehrū.

Desde o início das relações diplomáticas, apesar das suspeitas de Josef Stalin de que o país asiático agisse a reboque da Grã Bretanha, a União Soviética concedeu apoio político à Índia, explícito ou não, em diversas ocasiões, destacando-se os conflitos com o Paquistão, ainda durante o final da década de 1940. Em 1947, a União Soviética vetou uma resolução no Conselho de Segurança da ONU (CS-ONU), na qual se previa a realização de plebiscito nas regiões disputadas.

Apesar das relações bastante cordiais com a União Soviética e dos desentendimentos crescentes com os Estados Unidos, a política externa indiana, desde seus primórdios, não pretendia alinhar-se a nenhum dos dois blocos rivais da Guerra Fria. Os indianos apenas consideravam viável cooperar com a União Soviética em áreas específicas, mas com a maior cautela possível, de forma a não despertar reações adversas por parte dos Estados Unidos (YURLOV & YURLOVA, 2010).

Após a morte de Iosif Stalin em 1953, as relações entre os dois países melhoraram sensivelmente, com a consolidação dos contatos políticos e, também, com a consecução dos primeiros projetos, sobretudo os de assistência econômica. Naquele mesmo ano, os dois países assinaram seu primeiro acordo comercial. Em 1955, Nehru visitou a União Soviética, fato que gerou na época uma grande repercussão mundial. Apesar das cordialidades dos discursos, os indianos rejeitaram a proposta soviética de um pacto de não-agressão, por considerarem-no uma “aliança negativa”. (YURLOV & YURLOVA, 2010: 619). Ainda em 1955, o então líder soviético Nikita S. Khrushchev retribuiu o gesto de Nehru e visitou o país sul-asiático. Na ocasião, URSS endossou os pleitos indianos sobre a Caxemira (em detrimento do Paquistão) e sobre as possessões portuguesas no subcontinente indiano<sup>3</sup>. Em troca, a Índia recusou-se a votar a favor de uma resolução nas Nações Unidas que condenava a repressão soviética contra a revolta popular na Hungria, em 1956, o que repercutiu muito bem em Moscou (MASTNY, 2010).

As relações com a Índia foram em boa medida beneficiadas com a estratégia traçada pelo Partido Comunista da URSS de coexistência pacífica com os países do Terceiro Mundo, em especial com os que participavam ativamente do Movimento dos Países Não-Alinhados<sup>4</sup>, do qual a Índia era um importante membro. Nessa época, a URSS detinha relações ainda mais avançadas com o Egito e a Indonésia, países que recebiam importante ajuda econômica e que também eram influentes naquele arranjo que se iniciava (MASTNY, 2010).

Diferentemente do final da década de 1940, quando estava empenhada em reconstruir sua economia devastada pela II Guerra, a União Soviética, após a segunda metade dos anos 1950, encontrava-se em condições de promover assistência econômica a outros países. A Índia, assim como outros grandes países pobres como o Brasil, a China e o México, buscava o desenvolvimento de sua economia de forma “independente”, por meio da industrialização. Mas, diferentemente de Brasil e México, a Índia buscou cooperação com a União Soviética, e não com os Estados Unidos, para promover seu processo de industrialização. De acordo com Yurlov & Yurlova (2010), a URSS ofereceu condições mais favoráveis à Índia em comparação com países ocidentais no que se referia à construção de uma grande usina metalúrgica em Bhilai, localizada no estado

---

<sup>3</sup> Portugal ainda dominava Damão, Diu e Gamão, que perfaziam o chamado Estado Português da Índia, até 1961.

<sup>4</sup> O movimento dos países não-alinhados teve início durante a Conferência de Bandung (Indonésia), em 1955. Esse arranjo político reunia, em seu início, países africanos e asiáticos recém emancipados, que se opunham à política colonial de potências europeias e à divisão do mundo entre aliados dos EUA ou da URSS. Nas décadas posteriores, inseriram-se no movimento novos países africanos e diversos países latino-americanos. O Brasil é atualmente membro observador, assim como Argentina e México.

indiano de Chhattisgarh. De acordo com a proposta soviética, os indianos poderiam pagar todas as dívidas em até 12 anos após o término da construção da usina com juros de 2,5% ao ano, por meio de rúpias indianas ou mesmo de produtos indianos. Os ocidentais, por outro lado, exigiam o pagamento em um período mais curto, com taxa de juros entre 4,5% e 6,3% ao ano, que poderia ser quitado apenas com moedas conversíveis (que, na época, era apenas o dólar norte-americano). Diante dessas condições, ainda em 1955, Nova Delhi e Moscou iniciaram a construção da usina.

Como decorrência da nascente cooperação econômica, o comércio entre os dois países cresceu meteoricamente durante a década de 1950. Em 1953, o fluxo de comércio entre os dois países<sup>5</sup> era apenas US\$ 1,6 milhão, e em apenas cinco anos esse número chegaria a cerca de US\$ 100 milhões. A Índia, nessa época, tornava-se o principal parceiro comercial da URSS fora do bloco socialista: em 1965, a URSS correspondia a 11,5 % dos destinos das exportações indianas, e a 6% das origens das importações.

Durante o conflito sino-indiano de 1962, a URSS, apesar de ter-se declarado neutra, continuou a prestar assistência econômica aos indianos, ao mesmo tempo em que se desenrolava a ruptura sino-soviética. Para Mastny (2010), as relações entre a URSS e a Índia se estreitavam na mesma velocidade em que se deterioravam as relações dos dois países com a República Popular da China. A exemplo do caso da revolução húngara, a Índia rejeitou a assinar uma resolução na ONU que condenava a ação soviética na Tchecoslováquia, por ocasião da Primavera de Praga em 1968.

Além da convergência política cada vez mais estreita, pode-se mencionar, também, a cooperação em áreas consideradas estratégicas, especialmente no âmbito de defesa. Até a atualidade, a principal componente das relações militares tem sido as compras indianas de armamentos soviéticos ou russos. As primeiras aquisições aconteceram ainda em 1960, com a compra de 24 aviões de transporte Ilyushin-21. Nos anos seguintes, os indianos não apenas comprariam caças MiG 21, mas conseguiriam obter aval soviético para a construção de unidades de produção dessas armas. Apenas durante a década de 1960, a Índia comprou cerca de US\$ 700 milhões em armamentos soviéticos (YURLOV & YURLOVA, 2010).

### 3 1971 A 1991: A QUASI-ALIANÇA OU “ALIANÇA NEGATIVA”

Durante o conflito indo-paquistanês de 1971, que resultou na criação do Estado independente de Bangladesh, a União Soviética apoiou a Índia. Esse fato impulsionou ainda mais a cooperação entre indianos e soviéticos (YURLOV & YURLOVA, 2010). Mastny (2010) também acrescenta outro evento bastante relevante àquela altura, a aproximação entre a China e os Estados Unidos, como catalisador das relações indiano-soviéticas. Nova Délhi e Moscou assinaram, naquele mesmo ano, o acordo indo-soviético de amizade e cooperação, no qual se observa uma mudança na posição indiana, que aceitou a formação da “aliança negativa”, isto é, nenhum dos dois países “participaria de nenhuma aliança militar direcionada contra a outra Parte”. O então líder soviético, Leonid Brezhnev, fez visita a Nova Delhi, e propôs a criação de um sistema de segurança coletiva na Ásia. A proposta foi rejeitada pelos indianos, que a viam como uma plataforma anti-chinesa da URSS, algo que inviabilizaria a normalização das relações entre a China e a Índia<sup>6</sup>. Na retórica indiana, a maior fonte de estabilidade para a Ásia não corresponde a países específicos, mas à “estagnação econômica e [à] injustiça social, e a estabilidade

---

<sup>5</sup> Aqui nos referimos ao comércio bilateral nos dois sentidos: as vendas soviéticas para a Índia *mais* vice-versa.

<sup>6</sup> China e Índia haviam entrado em um breve conflito armado em 1962 em função de disputas fronteiriças.

depende do crescimento do entendimento mútuo e do poder econômico de cada país da região” (YURLOV & YURLOVA, 2010, p. 630).

Mesmo com as titubeações indianas, a aproximação entre a URSS e a Índia continuou nos anos seguintes, quando a Índia realizou seu primeiro teste nuclear, em 1974. A URSS, apesar de ter expressado sua preocupação com a proliferação de armas nucleares, não criticou veementemente como outros países, especialmente a China e o Paquistão, que consideraram o evento como “ameaça e chantagem nuclear” (YURLOV & YURLOVA, 2010, p. 269).

Outro dado interessante demonstrado por Yurlov e Yurlova (2010) foi que de 20 importantes resoluções da Assembleia Geral da ONU (AGNU) sobre países do Terceiro Mundo, Oriente Médio e África do Sul, em sete delas, a Índia acompanhou o voto da URSS e foi contrária aos Estados Unidos, e em apenas uma vez votou contrariamente aos soviéticos e em conformidade com os americanos<sup>7</sup>. Durante a Guerra Fria, as opiniões indianas sobre problemas internacionais e suas soluções encontravam melhor respaldo em Moscou do que em Washington.

Não surpreendentemente, notam-se novos avanços na cooperação bilateral. Em 1973 foi assinado um acordo sobre cooperação nas áreas de energia, metalurgia, produção de máquinas e de refino de petróleo. Como consequência, no início da década seguinte estavam em execução na Índia 55 projetos conjuntos, com destaque para a construção de uma nova usina metalúrgica e a expansão das unidades de Bhilai e Bokaro.

A cooperação indo-soviética chegou aos anos 1980 não apenas significativa, mas fundamental para a própria economia indiana. Os projetos indo-soviéticos produziam, naquela época, cerca de 10% da energia elétrica produzida na Índia, 38% do aço e do alumínio, 40% do petróleo refinado, e 78% dos equipamentos metalúrgicos. Outro dado relevante apontado por Yurlov e Yurlova foi a formação de cerca de 120 mil especialistas indianos em conjunto com instituições soviéticas entre 1965 e 1990. A eleição de um partido opositor na Índia em 1976 (o partido Janata) tampouco prejudicou as relações bilaterais. Houve nesse período novas importantes compras de armamentos soviéticos pela Índia, com destaque para os 70 tanques T-72 e dois destroyers.

A década de 1980 continuou bastante promissora para as relações bilaterais, mesmo com a retomada das tensões entre EUA e URSS, e com a invasão soviética ao Afeganistão. A Índia, apesar de ter sido tradicionalmente contrária a intervenções externas, não apenas deixou de criticar a URSS, mas endossou o argumento desta de que a referida ação foi requisitada pelo próprio governo afegão, àquela altura, para combater opositores do regime comunista que se estabelecia no país centro-asiático. Os negócios militares foram ampliados: em 1980, a URSS abriu uma linha de crédito no valor de US\$ 1,6 bilhão de dólares para a aquisição de material bélico pela Índia para os 10 anos seguintes; esperava-se a compra de 100 tanques T-72, além da produção de novas 600 unidades dessa linha de tanques em território indiano. No entanto, a Índia fez objeção à proposta de criar bases militares soviéticas em seu território, mas tolerou o exercício naval da marinha daquele país no Oceano Índico (MASTNY, 2010).

Pode-se inferir que as relações entre a União Soviética e a Índia tiveram óbvia relevância para os dois países, mas também desdobramentos no plano regional e, mesmo, global. Para a União Soviética, houve claros benefícios à indústria bélica, bem como aos setores de metalurgia e produção de energia. Para o lado indiano, a cooperação impulsionou decisivamente sua industrialização. Além disso, os frutos obtidos da cooperação com a URSS favoreceram enormemente o poder de barganha da Índia frente a países ocidentais. Para a URSS, a relação com a Índia acabou por se tornar uma

---

<sup>7</sup> Quando da anexação do Timor-Leste pela Indonésia.

mensagem aos demais países do Terceiro Mundo de que era possível uma cooperação em diferentes áreas entre países pobres capitalistas e socialistas.

Em relação à segurança, a bibliografia consultada diverge bastante sobre os efeitos das relações URSS-Índia. Yurlov & Yurlova (2010) defendem que a cooperação entre os dois países foi fundamental para fazer frente ao crescente arranjo político e estratégico entre a China e o Paquistão, vizinhos com quem a Índia chegou a travar guerras. Mastny (2010), por outro lado, adota um tom bem mais crítico em relação aos resultados dessa parceria. De acordo com o autor, a Índia, no final da década de 1980, foi incapaz de suprir segurança em seu entorno e, para piorar, ocasionou um aumento de hostilidade contra o próprio país, por parte de seus dois principais vizinhos. A militarização baseada na parceria de longo prazo com a União Soviética teria sido um equívoco, algo que se tornaria ainda mais evidente com as dificuldades econômicas enfrentadas por aquele país durante as famigeradas reformas econômica e política. Conclui o autor que “em uma época de incipiente globalização, o modelo soviético de desenvolvimento econômico atou Índia ainda mais ao obsoleto vagão soviético” (MASTNY, 2010: 77). Entretanto, mesmo que seja verdade o déficit de segurança no subcontinente indiano no início dos anos 1990 (em 1998, Índia e Paquistão entraram novamente em breve conflito), não há como afirmar que, não havendo a interação com a URSS na área de defesa, a situação para a Índia estivesse em melhores condições.

No final da década de 1980, apesar de ter sido uma época de dificuldades internas tanto para a Índia como para a União Soviética, a parceria continuou, com a negociação de uma nova linha de crédito soviética à Índia em 1986 e de um programa ambicioso em tecnologia de ponta. Essa fase também ficou marcada pela dramática redução das tensões de ambos os países com a China, o que inspirou o líder soviético, Mikhail Gorbachev, a propor um triângulo estratégico entre os três países. As crescentes dificuldades internas enfrentadas por Gorbachov e Rajiv Gandhi, filho de Indira Gandhi, reduziu o campo de ação de suas políticas externas e inviabilizou a realização dos mais recentes projetos bilaterais.

#### **4 O PÓS-GUERRA FRIA: AS RELAÇÕES RUSSO-INDIANAS EM CRISE (1991-1996)**

A queda da União Soviética em 1991 repercutiu decisivamente nas relações, que agora passam a ser denominadas russo-indianas. Não houve apenas mudança na nomenclatura: o panorama das relações entre a nova Rússia e a Índia sofreu uma decisiva alteração, de forma bem evidente na primeira metade da década de 1990.

A parte russa foi a principal responsável pela alteração dos rumos das relações com a Índia. Houve, na verdade, uma radical reformulação dos princípios da política externa da Federação Russa em relação ao período anterior: o padrão confrontacionista foi abandonado, bem como a política de paridade de poder em relação aos Estados Unidos. A prioridade da administração russa, nos primeiros anos da década de 1990, foi conferida às negociações com os Estados Unidos e com os países da Europa Ocidental, além, é claro, dos países que integravam a União Soviética. Ligado a esse fato, observa-se o “abandono” em relação a aliados e a amigos da defunta União Soviética. Os países mais afetados pela nova postura russa foram aqueles que dependiam decisivamente da assistência econômica prestada pela antiga superpotência, como Angola, Cuba, Etiópia e Moçambique. A Índia, ainda que não fosse tecnicamente aliada ou tampouco comunista, tinha uma parte considerável de sua economia dependente dos projetos desenvolvidos com a União Soviética, sofreu impacto significativo no início da década de 1990, quando atravessa uma fase de estagnação econômica.

Os autores Yurlov e Yurlova (2010, p. 639, tradução nossa) resumem a nova situação:

A política da Rússia em relação à Índia nos anos 1990 caracterizou-se pela indefinição, pela incoerência, estava carregada de impulsividade, de brevidade. Por um lado, realizaram-se esforços notáveis (como exemplo, as visitas das lideranças da Rússia à Índia, a assinatura de diversos documentos), e por outro, tudo isso não foi reforçado com os subseqüentes passos práticos no desenvolvimento das relações russo-indianas no plano bilateral e no multilateral.

Para piorar, algumas das ações perpretadas pelo governo russo comprometeram a confiança indiana em seus parceiros do norte. Por exemplo, a Rússia, no período, sucumbiu às pressões dos EUA e suspendeu o fornecimento à Índia de combustível criogênico, material usado em foguetes. Esse fato instou as autoridades indianas a considerarem a Rússia um parceiro pouco confiável e suscetível à pressão de outros países, sobretudo os EUA, e, por isso, seria necessário buscar outros fornecedores para suprir suas demandas de material bélico (SINGH, 1995).

A drástica redução do comércio entre a Rússia e a Índia foi um desdobramento dessa nova etapa. Em 1991, o comércio bilateral totalizava US\$ 5,5 bilhões, ao passo que em 1993 esse número caiu para US\$ 1,1 bilhão. Em termos relativos, a Índia representava 2% do comércio exterior da União Soviética nos dias derradeiros desta; em 1993, essa proporção caiu para 1,04%.

Outro possível argumento que pode explicar o esfriamento das relações bilaterais foi que não apenas a Rússia não estava em condições, como outrora, de oferecer assistência econômica a países em desenvolvimento, mas, também, que ambos os países concorressem entre si para obter ajuda econômica do Ocidente (SINGH, 1995).

Nesse período, a política russa para outras regiões que não fossem o Ocidente ou seu exterior próximo<sup>8</sup> foi marcada pelas indefinições. E, considerando-se apenas continente asiático, que recebia àquela época menor atenção de Moscou, a Índia (e o Sul da Ásia como um todo) sequer era uma prioridade. De acordo com a “Concepção de Política Externa da Federação Russa”, a Índia estava apenas no sétimo lugar em uma escala de prioridades, à frente apenas do Oriente Próximo, África e América Latina, nessa ordem (RÚSSIA, 1993). Ademais, no referido documento, na parte em que se menciona a região sul-asiática, o primeiro tema a ser tratado não é o da histórica parceria com a Índia, mas o do suposto fato de que “dali se origina a ideia do fundamentalismo islâmico” (RÚSSIA, 1993, p. 44). Especificamente sobre a Índia, o documento reconhece-a como “uma potência regional” e como “o nosso principal parceiro comercial dentre os países em desenvolvimento”, mas faz ressalva que a diplomacia russa não deveria ser “intencionalmente (...) pró-indiana” (RÚSSIA, 1993, p. 45).

Houve, entretanto, tentativas de reverter o quadro das relações em declínio nessa época. Uma das iniciativas mais relevantes foi a visita de Yeltsin à Índia, em 1993, para tratar da renovação do pacto de amizade indo-soviético de 1971. A medida teve pouco caráter político: os russos adotaram um viés mais pragmático em suas ações e tinham como meta a concretização de negócios, sobretudo no âmbito militar. Diferentemente de 1971, o acordo de 1993 não alvejava terceiros países. No ano seguinte, o premiê indiano Narasimha Rao fez a visita recíproca, durante a qual foram negociados novos acordos militares. Foi criada uma joint-venture indo-russa, focada na produção de equipamentos e partes para caças de origem russa, e no oferecimento de serviços de manutenção para aeronaves também russas. Isso, no entanto, não obstou o governo indiano a procurar outros parceiros na área técnico-militar: a partir daquela época, cresceriam os negócios bélicos com os Estados Unidos, Reino Unido e França (SINGH, 1995).

Um problema de ordem monetária chegou a causar atritos entre os dois países nessa época. Como visto anteriormente, o comércio indo-soviético era feito com as

---

<sup>8</sup> Termo muito usado nos anos 1990 pela diplomacia russa para referir-se às antigas repúblicas formadoras da URSS.

moedas nacionais (rúpia e rublo), ambas não convertíveis, o que era extremamente vantajoso à Índia, que apresentava poucas reservas em moeda convertível. Com o passar dos anos, a União Soviética e depois a Rússia não estavam em condições de usar suas as rúpias acumuladas nesse comércio, as quais só poderiam ser usadas nas importações de produtos indianos. O novo governo russo estava interessado em rever a taxa de câmbio com base em valor de mercado, de forma a corrigir os recorrentes desequilíbrios, o que gerou óbvia oposição do governo indiano. A Rússia, por um lado, queixava-se de que a Índia lhe devia US\$ 16 bilhões, e esta, por outro lado, arguia dever apenas US\$ 12 bilhões (SINGH, 1995). Os dois países conseguiram propor um acordo, de tom bastante “comercial”, cujos termos previam divisão da dívida indiana em duas partes: uma delas (cerca de dois terços) seria paga mediante uma taxa de câmbio próxima à praticada no mercado, a um prazo de 12 anos e juros anual de 2,4%, enquanto a outra (um terço) seria quitada em um prazo mais longo (45 anos), com uma taxa de câmbio bem mais favorável à rúpia, sem juros.

## **5 NOVAS GESTÕES RUSSAS NA ÁSIA: A TENTATIVA DE RECUPERAR AS TENDÊNCIAS HISTÓRICAS (1996 ATÉ 2012)**

Há uma disputa entre os analistas sobre o fato de a política externa russa ter sofrido mudanças significativas ou apenas de retórica no início de 1996, com a nomeação de Evgeny M. Primakov como chanceler pelo então presidente Boris N. Yeltsin. Enquanto que alguns autores defendem que a Rússia já vinha levando a cabo uma política externa mais autônoma e menos submissa aos Estados Unidos pelo menos desde 1993, e que a ascensão de Primakov teria sido apenas a culminação de um processo em andamento, outra parte da literatura afirma que a nova chefia do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Rússia levou traçou um redirecionamento radical do país nas relações internacionais.

Para o caso das relações com a Índia, no entanto, nos parece claro ter havido uma mudança significativa em 1996. Alguns fatos da vida pessoal do novo chanceler atestam para isso: Primakov foi diretor do Instituto Estudos Orientais da então Academia Russa de Ciências, e fluente em língua árabe. Em nossa visão, o fato mais marcante da ascensão de Primakov é justamente uma redefinição do papel dos grandes países asiáticos na política externa russa. Especificamente, China e Índia passaram a ser vistas como peças fundamentais. É exatamente no final dos anos 1990 em que se coloca em prática o conceito do “Triângulo Estratégico”, formado pelos grandes países euroasiáticos: China, Índia e Rússia.

De fato, a Ásia passou a receber maior atenção da Rússia nesse período. Em 1996 foi formado o Grupo dos Cinco, que agrupava três repúblicas centro-asiáticas (Cazaquistão, Quirguistão e Tadjiquistão), além da China e da Rússia. Esse agrupamento pode ser considerado um antecedente para a criação da notável Organização de para a Cooperação de Xangai, cinco anos mais tarde.

A revisão da política externa russa trouxe efeitos significativos em alguns setores do relacionamento bilateral. Em 1997, a Rússia forneceu à Índia dois reatores nucleares de água leve e assinou novos contratos para a venda de armamentos. Os novos valores negociados (US\$ 7 bilhões) fizeram da Índia a se tornar no principal cliente de armas russas. Mas as iniciativas russas, desta vez, trouxeram poucos efeitos de ordem política. Pelo contrário, o premiê indiano Atal Bihari Vajpayee, já em 1998, declarou que seu país designou os Estados Unidos como seu “aliado natural”, e os Estados Unidos, logo no início do primeiro mandato de George W. Bush inseriram a Índia em um programa de parceria estratégica global, no qual reconheceram o status nuclear do país asiático (MASTNY, 2010).

Nas principais crises internacionais do final dos anos 1990 e no início da década seguinte, as diplomacias dos dois países estiveram em ampla sintonia. Durante a crise do Kosovo, em 1999, Rússia e Índia condenaram a intervenção da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) que resultou no bombardeio de Belgrado, capital da extinta Iugoslávia. A invasão ao Iraque também provocou a oposição desses dois países à ação liderada pelos Estados Unidos e pelo Reino Unido<sup>9</sup>. A reforma de instituições da ONU também tem aproximado as posições russas e indianas. De fato, a Rússia tem reconhecido a legitimidade e apoiado abertamente a candidatura indiana como membro permanente do CSNU (diferentemente da China, que tem uma posição bem mais cautelosa nessa questão).

A Índia continuou ser um alvo relevante da diplomacia russa na primeira década do século XXI, a julgar pela linguagem dos textos oficiais do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Rússia. O documento “Concepção de Política Externa” foi atualizado em 2000, e as relações com a Índia foram colocadas a um nível equiparável ao das relações com a China. Ademais, os dois países foram considerados os dois principais líderes de todo o continente asiático, colocando-se em segundo plano, o Japão, após este último ter sido considerado líder, ao lado China, no documento de 1993 (RÚSSIA, 2000).

A cooperação bilateral em diversas áreas foi reativada ao longo da década de 2000, época em que se desenrolou o que ambas diplomacias chamaram de “parceria estratégica”<sup>10</sup>. As áreas consideradas prioritárias foram as de alta tecnologia, de telecomunicação, espacial, energética (inclusive nuclear), e técnico-militar.

A cooperação em energia nuclear também se processou de forma notável. Em 2009 foram concluídas a construção de duas usinas nucleares em Kudankulam (extremo sul da Índia), cada qual com capacidade de geração de energia em 1000 megawatts, em cooperação com a Rosatom, a agência estatal russa dedicada às atividades em geração de energia nuclear para fins civis. As duas unidades correspondem a uma parte considerável dentre as 10 unidades de 1000 megawatts planejadas pelo governo indiano até 2032.

O comércio de armamentos é um dos aspectos mais tradicionais e relevantes nas relações russo-indianas. A Índia, no início do século XXI, era responsável por 40% de todas as exportações de armamentos da Rússia, o que realça a importância econômica e estratégica dessas relações. O comércio bilateral de armas saltou de US\$ 3 bilhões em 2007 para cerca de US\$ 10 bilhões em 2010. Não surpreende, pois, o fato de a Índia participar no projeto de desenvolvimento do sistema russo de navegação global por satélite, o GLONASS. Mas as atividades econômicas dentro do setor militar, aos poucos, está deixando de ser apenas no formato comprador-cliente, viabilizando-se outras formas de interação, como o desenvolvimento de novas tecnologias, discussões sobre o local da produção e prestação de assistência técnica. Um dos exemplos é o desenvolvimento do BrahMos<sup>11</sup>, míssil supersônico de cruzeiro, produto do desenvolvimento e da produção conjunta desses países. Mais recentemente, foi lançado o Futuro Sistema de Aviação de primeira linha (PAK-FA) voltado para o desenvolvimento e a produção de caça de quinta geração. O primeiro avião desenvolvido, o Sukhoi-50, teve seu primeiro voo em 2010, e deverá ser produzido em série e usado nas forças aéreas indiana e russa a partir de 2015<sup>12</sup>.

Desta vez, os projetos bilaterais contemplaram atividades conjuntas a serem desenvolvidas não apenas na Índia, mas também na Rússia. Na referida declaração, os

---

<sup>9</sup> Declaration of the Russian Federation and the Republic of India on Global Challenges and Threats to World Security and Stability 12 November 2003.

<sup>10</sup> Declaration on Strategic Partnership between Republic of India and the Russian Federation.

<sup>11</sup> Referência a dois rios de grande importância na Índia e na Rússia, o Brahmaputra e o Moskva, respectivamente.

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://warfare.ru/db/lang/rus/catid/255/linkid/2280/>>

países explítaram seu desejo de que houvesse participação de companhias russas em investimentos no setor de geração de energia em território indiano, e vice-versa. Concretamente, empresas indianas tinham interesse em investir cerca de US\$ 2 bilhões em extração de petróleo no consórcio Sakhalin-1. Uma das empresas participantes do consórcio é a indiana Oil and Natural Gas Cooperation.

Espera-se o desenvolvimento de atividades conjuntas entre empresas russas e indianas em vários setores de altíssima relevância para as duas economias. Os indianos têm manifestado interesse em modernizar as metalúrgicas construídas no tempo da União Soviética, aumentar os investimentos indianos em projetos de infra-estrutura na própria Rússia, enquanto que os russos possuem interesse em negócios na área de tecnologia da informação, produção de máquinas.

Podemos sintetizar os recentes desdobramentos das relações russo-indianas, como propõem Yurlov e Yurlova (2010, p. 654, tradução nossa):

Apesar dos diversos problemas, no início do século XXI, as relações russo-indianas começaram a passar da estagnação dos anos 1990 para um nível correspondente à parceria estratégica entre a Rússia e a Índia e às suas oportunidades na cooperação técnico-militar e no âmbito de alta tecnologia. As relações bilaterais entre ambos os países em setores-chave da economia, e da cooperação cultural e técnico-militar responderam aos objetivos da segurança internacional, da luta contra o terrorismo, dos requisitos de construção de um mundo multipolar, da ampliação dos instrumentos coletivos de política internacional, sobretudo os da ONU.

## 6 CONCLUSÕES

Após revisar as relações russo-indianas, cabe retornar às questões colocadas no início do presente trabalho. Em relação às causas ou os aspectos que influenciaram no direcionamento das políticas externas dos dois países, cabe ressaltar alguns pontos.

Em primeiro lugar, não há como falar de problemas monocausais; pelo contrário, observa-se uma multitudine de questões que se somam e se sobrepõem para explicar os incentivos para a aproximação entre os dois países e, em outros momentos, o distanciamento entre eles.

Em segundo lugar, refutamos as teses baseadas unicamente em questões apenas de poder militar para explicar eventuais mudanças no comportamento tanto da Rússia como da Índia. De forma mais sintética, podemos resumir que os fatores materiais (não apenas o poder militar, mas a capacidade econômica e outros fatores materiais) sejam relevantes, mas não satisfatórios para explicar as diversas nuances que se percebe em momentos específicos das relações indo-russas.

Finalmente, reconhecemos a importância de outros fatores “não-materiais”, como, por exemplo, as mudanças no poder dos dois países imprimiu mudanças significativas na condução dos assuntos estrangeiros, de forma ainda mais evidente no caso russo. A saída de Stalin do poder, do qual mantinha opiniões negativas a respeito da Índia, possibilitou uma superação de dificuldades iniciais entre os dois países. situação análoga ocorreu em fins da década de 1990, quando a ala “nacionalista” ganha poder no Ministério dos Negócios Estrangeiros da Rússia, e as relações com a Índia são revalorizadas. As dificuldades e as tensões internas, tanto na Índia como na Rússia pós-Guerra Fria, também podem ser situadas como fatores “não-materiais” com repercussão (negativa) sobre as relações bilaterais.

O segundo questionamento, que se refere à natureza das relações russo-indianas, observa-se que, em determinadas fases, predominaram as relações verticais, “unidirecionais”, enquanto que em outros períodos observam-se relacionamentos mais

simétricos. Mesmo assumindo-se como verdadeira a informação dada por Yurlov & Yurlova de que a URSS não tenha praticado imposições políticas à Índia durante a Guerra Fria, e que as condições de pagamento fossem mais “brandas” do que previam as propostas ocidentais, as relações, naquele período, podem ser consideradas bastante verticais (ou assimétricas), mas quais a URSS oferecia e definia a modalidade de assistência econômica e os termos da cooperação técnico-científica. A fonte de financiamento, a origem das tecnologias, quase sempre provinha de Moscou. Isso explica, em parte, os débitos indianos para com os russos no início dos anos 1990.

A partir da década de 1990, entretanto, observa-se uma mudança em direção à formação de uma parceria mais “simétrica”, na qual a Índia abandona, aos poucos, a condição de receptora de projetos e de financiamento, testemunha a participação cada vez maior de suas empresas em projetos conjuntos, e desenvolve novas tecnologias em conjunto com cientistas russos, como no caso do caça de quinta geração. Mas ainda permanecem vestígios de assimetria: as relações militares continuam a ser predominantemente de cliente-vendedor, mesmo com a intenção dos governos em dirimir esse viés.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MASTNY, Vojtech. *"The Soviet Union's Partnership with India."* **Journal of Cold War Studies** 12, no. 3 (2010): 50-90. <http://muse.jhu.edu/> (accessed September 11, 2012).

SINGH, Anita Inder. India's relations with Russia and Central Asia. **International Affairs**, Vol 71, 1 (1995) p. 69-81.

YURLOV F. N. & YURLOVA, E S. *"Istoriya Indii – XX vek"*. Institut Vostokovedeniya Rossiskoy Akademii Nauk, 2010. [História da Índia século – Século XX. Instituto de Estudos Orientais da Academia Russa de Ciências, 2010].

Portal warfare.ru. O PAK-FA. Disponível em:  
<<http://warfare.ru/db/lang/rus/catid/255/linkid/2280/>>.

### Documentos oficiais

RÚSSIA, Presidência da. *Kontseptsiya vneshney politiki Rossiyskoy Federatsii*, 1993. In: **Vneshnyaya Politika I Bezopasnost' Rossii 1991-2002**. *Khrestomatiya*, tom. 4-y (*Dokumenty*). Moskva: MGIMO, 2002, str. 19-50 [Concepção de Política Externa da Federação Russa. In: **Política Externa e Segurança da Rússia 1991-2002**. Coleção de Textos, vol. 4º (Documentos). Moscou: MGIMO, 2002, pp 19-50].

RÚSSIA, Presidência da. *Kontseptsiya vneshney politiki Rossiyskoy Federatsii*, 2000. In: **Vneshnyaya Politika I Bezopasnost' Rossii 1991-2002**. *Khrestomatiya*, tom. 4-y (*Dokumenty*). Moskva: MGIMO, 2002, str. 109-121 [Concepção de Política Externa da Federação Russa. In: **Política Externa e Segurança da Rússia 1991-2002**. Coleção de Textos, vol. 4º (Documentos). Moscou: MGIMO, 2002, pp 109-121].

RUSSIA. **Declaration of the Russian Federation and the Republic of India on Global Challenges and Threats to World Security and Stability 12 November 2003**.

Disponível em:

<[http://rusembassy.in/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1757%3Adeclaration-of-the-russian-federation-and-the-republic-of-india-on-global-challenges-and-threats-to](http://rusembassy.in/index.php?option=com_content&view=article&id=1757%3Adeclaration-of-the-russian-federation-and-the-republic-of-india-on-global-challenges-and-threats-to)>

world-security-and-stability-12-november-2003&catid=12%3Aofficial-documents&directory=170&lang=en]>.

\_\_\_\_\_. ***Declaration on Strategic Partnership between Republic of India and the Russian Federation.*** Disponível em:

<[[http://rusembassy.in/index.php?option=com\\_content&view=article&id=312%3Adeclaration-on-strategic-partnership-between-republic-of-india-and-the-russian-federation&catid=12%3Aofficial-documents&directory=170&lang=en](http://rusembassy.in/index.php?option=com_content&view=article&id=312%3Adeclaration-on-strategic-partnership-between-republic-of-india-and-the-russian-federation&catid=12%3Aofficial-documents&directory=170&lang=en)]>.